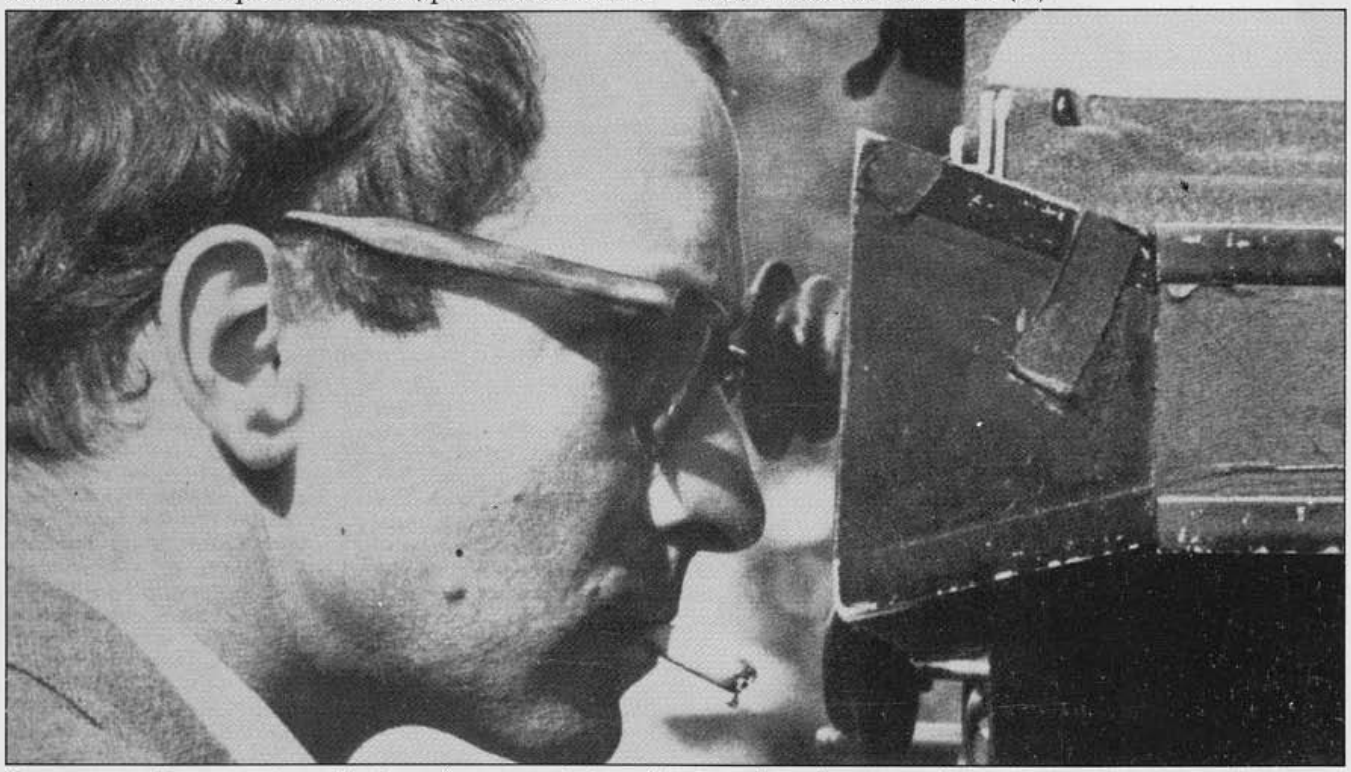
Jean-Luc Godard e seus filmes em linha reta

Escrevo os momentos fortes do filme, o que me dá uma trama em sete ou oito pontos. Quando as idéias me vêm à cabeça, basta eu pensar em que ponto, em que cena, vou encaixá-las. O cenário me ajuda a encontrar as idéias. Muitas vezes, mesmo, é dele que eu parto. Genebra era um cenário que eu conhecia, pois vivi lá durante a guerra. Eu me pergunto como é possível determinar a locação depois da redação do roteiro. É preciso pensar no cenário antes. Freqüentemente, um sujeito escreve, "Ele entrou no quarto", pensando num determinado quarto, e o filme é feito por um outro que pensa num outro quarto. Isso desequilibra tudo. Não se vive da mesma maneira em cenários diferentes. (...)

Existem dois tipos de cineastas. Do lado de Eisenstein e de Hitchcock, existem os que escrevem seus filmes da maneira mais completa possível. Eles sabem o que querem, têm tudo na cabeça, põem tudo no papel. A filmagem é só uma aplicação prática. É preciso construir algo que se pareça o mais possível com o que foi imaginado. Resnais faz parte desse grupo, Demy também. Os outros, como Rouch, não sabem muito bem o que vão fazer, e procuram. O filme é esta busca. Eles sabem que vão chegar a algum lugar, e têm os meios para isso, mas a que lugar, exatamente? Os primeiros fazem filmes em círculo, os outros, filmes em linha reta. (...)



Se a gente sabe com antecedência tudo o que vai fazer, já não vale mais a pena fazer.

Eu gosto de ser surpreendido. Se a gente sabe com antecedência tudo o que vai fazer, já não vale mais a pena fazer. Se um espetáculo está todo escrito, para que filmá-lo? Para que serve o cinema, se ele segue os passos da literatura? Quando eu escrevo um roteiro, também fico com vontade de colocar tudo no papel, mas não consigo. Não sou escritor. Fazer um filme é superpor três operações: pensar, filmar, montar. Não pode estar tudo no roteiro; ou, se estiver, se as pessoas já choram ou riem lendo o roteiro, basta imprimi-lo e vendê-lo nas livrarias.

(*Jean-Luc Godard par Jean-Luc Godard.* Editions Pierre Belfond, 1968)